

Toda feitura de uma exposição de arte é a criação de um recorte temporal — a instauração de uma brecha intensiva onde o ritmo não se mede por métricas ou relógios. O tempo que se tece aqui é pouco teleológico; performativo, ele se deixa aparecer por meio de formas que emergem das entranhas da matéria e de suas frequências. Por conta de algumas materialidades aqui presentes — e *com* elas —, podemos dizer que é um tempo que se borda: a superfície translúcida do papel, a dobra no tecido, o gesto que atua no presente enquanto mexe nos estados do passado.

Muito começa com Ô: corpo-objeto, coisa, cilindro, centro sem centro que insinua ter vida própria. Ele se faz presente no espaço convocando curvaturas e miradas, sugerindo percepções e aberturas. Ô é meio poroso, onde o tempo se inclina; carrega uma força despossesiva, na medida em que, ao nos relacionarmos com ele, somos deformados enquanto sujeitos. É uma coisa que desloca nossa própria centralidade; ao seu lado, nos colocamos em uma relação livre de utilitarismo e dominação. É isso que é o objeto: quando investido, torna-se coisa — entidade coextensiva no campo da matéria, como diz André Lepecki.

Cristina Lisot vem de um percurso que atravessa a bioquímica e o movimento — corpo, linha e carne. Nesta exposição, suas mãos aparecem de forma pujante, ainda que não necessariamente inscritas em uma cena figurada. São gestos que tocam uma série de saberes antigos — bordados e tessituras —, mas não com o intuito de apenas repeti-los. O nó da herança das mulheres de sua família é desfeito para ser reinventado, tornado mais propulsor do que destino fechado.

Os papéis antigos guardam as marcas do tempo como uma pele feita de linhas sutis, embora longínquas. Todo gesto aqui é, em alguma medida, coreográfico. Coreografar, neste caso, é dar-se conta de certos estados corporais imperativos, na tentativa de abrir o movimento, de partiturá-lo para encontrar algum ritmo e uma saída — intenção e inclinação; compêndio de gestos. A artista escava o tempo como se fosse terra, mas a arqueologia cede lugar a um vetor multitemporal, que verte a linha reta do tempo em um enxame de estorninhos.

Ao murmurarem em unísono, a massa de passarinhos convoca um todo formado por diversas partes. Esta exposição convoca um movimento e um ritmo que a leva a ser constantemente atualizada. A começar por ser um projeto marcadamente coletivo. Voltamos, assim, à questão do que pode uma exposição: um conjunto de coisas que se avizinham em uma relação contingente, instável, embora absolutamente fértil. Um acontecimento frágil, talvez, mas repleto de especulações que estão, desde já, produzindo efeitos em reverberação. A imagem em movimento, a performance, a instalação, os objetos — tudo compõe um espaço que não é apenas para ser visto, mas vivido pelo corpo inteiro. Como um fio a penetrar o tecido do mundo, em busca de algum movimento que faça sentido.

Daniela Avellar